

# O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

**Condições da assignatura**—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 400 reis.

**Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca**—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

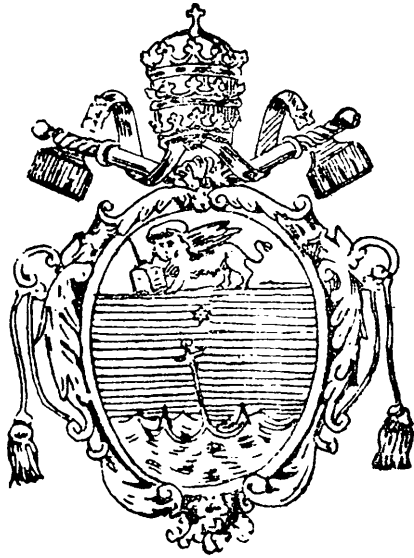
**SUMMARIO:**—*Carta Encyclica de S. Santidade o Papa Pio X*—DOCUMENTOS PONTIFICIOS:—*Motu proprio de Sua Santidade Pio X sobre a musica sacra* (conclusão).—CONTROVERSIAS: *Jesuitas e liberaes* (continuação), por Um catholico.—LYRA CHRISTA: *A Manuel Fructuoso da Fonseca* (poesia), pelo dr. José Rodrigues Cos-

gaya.—APONTAMENTOS HISTORICOS: *Cemiterios* (conclusão), por A. Moreira Bello.—AS NOSSAS GRAVURAS.—BIBLIOGRAPHIA.—DE TUDO UM POUCO.—RETROSPECTO DA QUINZENA.

**Gravuras:** *Chateaubriand; Jesus e a Samaritana.*



Chateaubriand



## Carta Encyclica do Nosso Santo Papa Pio X

*A todos os Patriarchas, Primazes, Arcebispos, Bispos e aos outros Ordinarios em paz e communhão com a Sé Apostolica*

*Aos nossos veneraveis irmãos Patriarchas, Arcebispos, Bispos e mais Ordinarios em paz e communhão com a Sé Apostolica*

**PIO X, PAPA**

*Veneraveis irmãos, saude e benção Apostolica*

O curso do tempo levar-nos-ha outra vez, dentro de poucos mezes, a esse dia de incomparavel alegria em que ha cincoenta annos, rodeado de uma magnifica corôa de Cardeaes e de Bispos, o Nosso predecessor Pio IX, Pontifice de Santa memoria, declarou e proclamou como sendo de revelação divina, pela auctoridade do magisterio apostolico, que Maria foi, desde o primeiro instante da sua Conceição, totalmente exempta da mancha original.

Proclamação que ninguem ignora como foi acolhida por todos os fieis do universo com tal amor, com taes transportes de alegria e de enthusiasmo, que jámais, na memoria dos homens, houve manifestação de devoção mais grandiosa nem mais unanime, tanto para a augusta Mãe de Deus, quanto para com o Vigario de Jesus Christo.— Hoje, Veneraveis irmãos, ainda que distantes meio seculo, não poderemos nós esperar que a reavivada lembrança da Virgem Immaculada suscite em nossas almas como que um echo d'estas alegrias e renove os espectaculos magnificos de fé e de amor á Mãe de Deus, que se viram n'esse passado já longinquo? O que Nol-o faz desejar ardentemente é um sentimento, que sempre nutrimos em Nosso coração, de devoção á bemaventurada Virgem, como tambem de gratidão profunda a seus beneficios. O que por outro lado Nol-o assegura, é o zelo dos catholicos perpetuamente despertado, e que se adianta a qualquer nova honra, a qualquer novo testemunho de amor que se renda á sublime Virgem.

### As esperanças de Pio IX

Todavia não queremos dissimular que uma cousa aviva grandemente em Nós este desejo: e é que se Nos afigura, se crermos n'um secreto presentimento da Nossa alma, que podemos esperar, n'um futuro pouco distante, o cumprimen-

to das grandes esperanças, e decerto não temerarias, que a definição solemne do Dogma da Immaculada Conceição de Maria fez conceber ao Nosso Predecessor Pio IX e a todo o episcopado catholico.

Taes esperanças, na verdade, poucos são os que não lamentam de as não terem visto até aqui realizadas, e que não tirem de Jeremias estas palavras: «Nós esperamos paz e este bem não veio»; o tempo da cura, e eis o terror (1).

Mas não se deve taxar de *apocados de fé* homens que descuram de penetrar ou de considerar na sua verdadeira luz as obras de Deus? Quem poderia de facto contar, quem calcular os secretos thesours de graças que durante todo este tempo Deus lançou sobre a Egreja por intercessão da Virgem? E, ainda deixando isto de parte, que diremos d'esse Concilio Vaticano, tão admiravel de oportunidade? e da definição da infallibilidade pontificia, formulada tão a proposito ao encontro dos erros que estavam para surgir? e d'este impulso de devoção, emfim, coisa nova e verdadeiramente inaudita, que faz affluir, já de ha tanto, aos pés do Vigario de Jesus Christo, para o venerar face a face, os fieis de todas as linguas e de todos os climas?

E não é um designio admiravel da Divina Providencia que os Nossos dois predecessores Pio IX e Leão XIII tenham podido, em tempos tão conturbados, governar santamente a Egreja em condições de duração que não tinham sido concedidas a nenhum outro pontificado?

De que serve ajuntar que apenas Pio IX acabara de declarar artigo de crença catholica a conceição sem mancha de Maria, logo na cidade de Lourdes se inauguravam maravilhosas aparições da Virgem: e tal foi, como se sabe, a origem d'esses templos elevados em honra da Immaculada Mãe de Deus, obras de alta magnificencia e de immenso trabalho, em que prodigios quotidianos, devidos á sua intercessão, fornecem esplendidos argumentos para confundir a incredulidade moderna.

Tantos e tão insignes beneficios, concedidos por Deus ás piedosas sollicitações de Maria, durante os cincoenta annos que se vão completar, não devem porventura fazer-nos esperar a *salvação n'um tempo mais proximo do que o tinhamos crido*? Assim tambem, é como que uma lei da Providencia, que a experiencia nol-o ensina, que dos limites do mal á libertação nunca medeia muito. *Está prestes a chegar o seu tempo e seus dias não veem longe. Porque o Senhor terá piedade de Jacob e tambem em Israel elle terá o seu eleito* (2). E', pois, com inteira confiança que nós podemos esperar que nos seja dado exclamar em breve: *O Senhor quebrou a vara dos impios. A terra está em paz e silencio; alegrou-se e exultou* (3).

### Instaurare omnia in Christo

Mas, se o cinquentenario do acto pontificio, pelo qual foi declarada sem mancha a conceição de Maria, deve suscitar no seio do povo christão impulsos entusiasticos, a razão está sobretudo n'uma necessidade que as Nossas precedentes cartas encyclicas expuzeram: queremos referir-nos á necessidade de *restaurar tudo em Christo*. Com effeito, quem não tem por certo que não ha caminho, nem mais facil, nem mais seguro que Maria, por onde os homens possam chegar a Jesus e obter por meio de Jesus Christo esta perfeita adopção de filhos, que os torna santos e puros aos olhos de Deus? Decerto, se da Virgem se disse: *bemaventurada tu que crês. porque se cumprirão as cousas que te foram ditas pelo Senhor*, (4) a saber, que ella con-

(1) Jer., VIII, 14.

(2) Isai., XIV, 1.

(3) Isai., XIV, 5 et 7.

(4) Luc., I, 45.

oerberia e daria á luz o Filho de Deus; se, por consequencia ella acolheu no seio Aquelle que é de natureza Verdade, de forma que *gerado em nova ordem e por um novo nascimento... invisível em si mesmo se tornou visível em nossa carne*: (1) desde o momento que o Filho de Deus é o *auctor e o consummador da nossa fé*, é de toda a necessidade que Maria se apregõe participante dos divinos mysterios e d'algum modo sua guardadora e que sobre ella tambem, como sobre o mais nobre fundamento depois de Jesus Christo, repousa a fé de todos os seculos.

(Continua).

#### DOCUMENTOS PRELATICIOS

### Motu proprio de S. Santidade Pio X sobre a musica sacra

#### Instrucção sobre a musica sacra

(CONCLUSÃO)

#### III

##### Texto Liturgico

7.º—A lingua propria da Igreja Romana é a latina. E', pois, prohibido nas funcções liturgicas sollemnes cantar em lingua vulgar qualquer trecho; muito mais decoro cantar em vulgar as partes variaveis e communs da missa e do officio.

8.º—Estando determinados para cada funcção liturgica os textos que se podem propor em musica, e a ordem por que se devem propor, não é licito nem confundir esta ordem, nem mudar os textos prescriptos por outros da propria eleição, nem omittil-os por intiro ou ainda sómente em parte, se as rubricas não permitirem que se supram com o órgão alguns versículos do texto, enquanto estes são simplesmente recitados no côro. Sómente é permitido, segundo o uso da Igreja Romana, cantar um motete ao SS Sacramento depois do *Benedictus* da missa sollemne. Permite-se tambem que, depois de cantado o prescripto offertorio da missa, se possa executar no tempo que resta um breve motete sobre palavras approvadas pela Igreja.

9.º—O texto liturgico deve ser cantado como se encontra nos livros, sem alteração ou posposição de palavras, sem indevidas repetições, sem lhe fraccionar as syllabas e sempre em modo intelligivel aos fieis que escutam.

#### IV

##### Forma externa das composições sacras

10.º—Cada uma das partes da missa e do officio divino deve conservar mesmo musicalmente aquelle conceito e forma que a tradição ecclesiastica lhe deu, e que se encontra muito bem expressa no canto gregoriano. Diverso é, pois, o modo de compor um *introito*, um *gradual*, uma *antiphona*, um *psalmo*, um *hymno*, um *Gloria in excelsis*, etc.

11.º—Observem-se em particular as normas seguintes:

a) Os *Kyries*, *Gloria*, *Credo*, etc. da missa, devem conservar a unidade de composição propria do seu texto; não é, pois, licito compô-los, em trechos separados, de forma que cada um de taes trechos forme um motivo musical completo e tal que possa substituir-se por outro e separar-se do restante da composição.

b) No officio de *Vesperas* deve ordinariamente seguir-se a norma do *Ceremoniale Episcoporum*, que preserva o canto gregoriano para a psalmodia e permite a musica figurada nos versículos do *Gloria Patri* e no *Hymno*. Todavia será licito nas maiores solemnidades alternar o canto gregoriano do côro com os chamados *falsos bordões* ou com versículos da mesma maneira completos, segundo a conveniencia.

Poder-se-ha tambem conceder alguma vez, que cada um dos psalmos se proponha por inteiro em musica, contanto que em taes composições se conserve a forma propria da psalmodia; isto é, contanto que pareça que os cantores psalmeam entre si, e isto ou por meio de motivos novos, ou com motivos tomados do canto gregoriano, ou imitados do mesmo.

Ficam por tanto excluidos para sempre e radicalment: prohibidos os chamados psalmos de concerto.

c) Nas hymnos da Igreja conserve-se a sua forma tradicional. Não é portanto licito compor, por exemplo, o *Tantum ergo* de maneira que a primeira estrophe pareça uma *romanza*, uma *cavatina* ou um *adagio*, e o *Genitori* um *allegro*.

d) As antiphonas das *Vesperas* devem ser propostas ordinariamente com a apropriada melodia gregoriana. Contudo, se n'algum caso particular se cantarem por musica, nunca devem ter nem a forma

de uma melodia de concerto, nem á amplitude de um *mollato* ou de uma *cantata*.

#### V

##### Cantores

12.—A' excepção das melodias proprias do celebrante e dos ministros, as quaes devem sempre ser cantadas em canto gregoriano, sem o menor acompanhamento d'órgão, t do o restante do canto liturgico é proprio do côro dos levitas e por isso os cantores de igreja, ainda mesmo que sejam leigos, fazem propriamente as vezes do côro ecclesiastico. Por consequencia as musicas que executam devem, ao menos na sua maxima parte, conservar o caracter da musica de côro. Com isto não se pretende excluir de toda a voz a *solo*; mas esta não deve de maneira alguma predominar, de maneira que a maior parte do texto liturgico seja d'estarte executada; antes deve ter o caracter de simples proposição ou esboço melodico e ser estreitamente ligada ao resto da composição de forma coral.

13.—Do mesmo principio segue que os cantores tem na Igreja um verdadeiro munus liturgico, e que por isso as mulheres, sendo incapazes de tal munus, não podem ser admittidas a fazerem parte do côro ou da capella musical. Se, portanto, se deseja empregar as vozes agudas de sopranos e contraltos, estas devem ser desempenhadas por creanças, segundo o uso antiquissimo da Igreja.

14.—Por ultimo não se admittam a fazer parte das capellas ecclesiasticas senão homens de reconhecida piedade e probidade de vida, os quaes, com a sua attitude modesta e devota durante as funcções liturgicas, se mostrem dignos do santo officio que exercem. Será, outrossim, conveniente que os cantores, enquanto cantam na igreja, se vistam de habito talar e sobrepeliz, e se se encontram em côros muito expostos ás vistas do publico, sejam defendidos por grades.

#### VI

##### Órgão e instrumentos

15.—Ainda que a musica propria da igreja seja a musica vocal, todavia é permittida tambem a musica acompanhada a órgão. N'algum caso particular, nos devidos termos e convenientes precauções, poderão tambem admittir-se outros instrumentos; nunca, porém, sem licença especial do ordinario, segundo a prescripção do *Ceremoniale Episcoporum*.

16.—Como o canto deve sempre prevalecer, assim é que o órgão ou os instrumentos devem sempre sustentalo e nunca suffocalo.

17.—Não é permittido prometter ao canto longos preludios, ou interren-pel o com *intermezzos*.

18.—O órgão, nos acompanhamentos do canto, nos preludios, interludios, etc., não só deve adaptar-se á sua propria natureza, mas tambem deve participar de todas as qualidades da verdadeira musica sacra, que prece tentemente estabeleceremos.

19.—É expressamente prohibido na igreja o uso do piano, como tambem o dos instrumentos fragorosos e ligeiros, a saber: tambor, bombo, pratos, campainhas, e quejandos.

20.—É rigorosamente prohibido ás chamadas bandas musicas tocarem na igreja; e só n'algum caso especial, dado o consentimento do ordinario, será permittido admittir uma escolha limitada, judiciosa e proporcionada ao ambiente de instrumentos de sopro, contanto que a composição e o acompanhamento a executar-se seja escripto em estylo grave, conveniente e em tudo semelhante ao que é proprio do órgão.

21.—Nas procissões fóra da igreja pó le permittir o Ordinario a banda musical, contanto que não execute trechos profanos. Seria para servir em taes occasiões que a banda musical se restringisse a acompanhar algum cantico espiritual, em latim ou vulgar, proposto pelos cantores ou irmandades que tomam parte na procissão.

#### VII

##### Amplitude da musica sacra

22.º—Não é licito por causa do canto ou da musica fazer esperar o sacerdote no altar mais do que é necessario á cerimonia liturgica. Segundo as prescripções ecclesiasticas, o *Sanctus* da missa deve ter terminado antes da elevação, e por isso deve tambem o celebrante neste ponto tomar sentido nos cantores O *Gloria* e o *Credo*, segundo a tradição gregoriana, devem ser relativamente curtos.

23.º—Em geral é condemnavel como alio, que nas funcções ecclesiasticas a liturgia pareça cousa secundaria e quasi pretexto para servir á musica, quando pelo contrario a musica não é mais que uma parte da liturgia e sua humilde serva.

#### VIII

##### Meios principaes

24.º—Para uma exacta execução do que fica estabelecido, os Bispos, se o não fizeram ainda, criem nas suas dioceses uma commissão

(1) S. Leo M. Serm., 2, de Nativ. Domini, c. II.

especial de pessoas verdadeiramente competentes em musica sacra, á qual, na maneira que mais opportuna julgarem, se confie a missão de vigiar sobre as musicas, que se vão executando nas suas egrejas. Nem procurem somente que as musicas sejam em si boas, mas que estejam outrosim em harmonia com as forças dos cantores e sejam sempre bem executadas.

25.—Nos seminarios de clérigos e nos institutos de ecclesiasticos, em conformidade com as prescripções tridentinas, cultivem todos com diligencia e amor o canto gregoriano tradicional, e os superiores n'este ponto não poupem encorajamentos e encomios aos seus jovens subditos. Igualmente, onde fôr possível, promova-se entre os clérigos a fundação de uma *Schola Cantorum* para a execução da sacra polyphonia e da boa musica liturgica.

26.—Nas lições ordinarias de liturgia, de moral e de direito canonico, que se dão aos estudantes de Theologia, nunca se deixe de tocar n'aquelles pontos que mais particularment. dizem respeito aos principios e leis da musica sacra, e procure-se completar essa doutrina com alguma instrucção particular sobre a esthetica da arte sacra, para que os clérigos não saiam do Seminario completamente alheios a estas noções, que são sem embargo necessarias a uma plena cultura ecclesiastica.

27.—Procure-se restaurar, ao menos nas principaes egrejas, as antigas *Scholae Cantorum*, como se fez já, com optimo fructo, em bom numero de logares. Não é difficil ao clero zeloso instituir taes *Scholae*, ainda nas egrejas menores e do campo; pelo contrario ahi encontra um meio muito facil de reunir em volta de si as creanças e os adultos, com proveito d'elles e edificação do povo.

28.—Procure-se sustentar e promover quanto melhor possível as escolas superiores de musica sacra onde as ha e concorrer para a sua fundação onde ainda não existem. Muito importa que a propria Igreja tome conta da instrucção dos seus maestros, organistas e cantores, segundo os verdadeiros principios da arte sacra.

## IX

## Conclusão

29.—Por ultimo recommenda-se aos mestres da capella, cantores, ao clero, aos superiores de Seminarios, d'institutos ecclesiasticos e de Comunidades religiosas, aos parochos e reitores de egrejas, aos cónegos das collegiadas e das cathedraes, e sobretudo aos ordinarios diocesanos, que favoreçam com todo o zelo estas judiciosas reformas ha muito desejadas e por todos concordentemente invocadas, para que se não menospreze a auctoridade da Igreja, que repetidas vezes as propoz e agora de novo as inculca.

Dado no nosso Palacio Apostolico no Vaticano, no dia da Virgem e Martyr S. Cecilia, 22 de novembro de 1903, primeiro anno do nosso Pontificado.

PIO PP. X.

## CONTROVERSIAS

## Jesuitas e Liberaes

(Continuado da pagina 112 do XXV anno—N.º 10 de 1903)

## XII

## A Conspiração e os Conspiradores

Antes de entrarmos na continuação da materia, cujo assumpto serve de titulo, pedimos humildemente desculpa aos nossos leitores, por termos feito uma tão grande interrupção.

Para isso deram-se casos bem contra a nossa vontade e cuja narração seria para nós tão penosa, quanto fastidiosa e longa para os leitores.

Obtida, como esperamos, essa desculpa, vamos a continuar no assumpto promettendo mais assiduidade para o futuro.

E' bem sabido, que o Marquez de Pombal procurava por todos os meios extinguir a Companhia de Jesus.

Já por mais de uma vez aqui o dissemos.

Faltava-lhe, porem, um pretexto.

Procurou-o. Ensaiou diversos, mas nenhum lhe poud servir de auxilio para a destruidora empreza.

Sabia, que o povo não sympathisava com elle por causa dos excessos, que constantemente commettia.

Sabia, que muito menos sympathisava com elle a nobreza, que elle procurava amesquinhar, para só elle ser grande, poderoso e nobre.

Sabia, que o monarcha estava, de dia para dia, tornando-se antipathico aos olhos d'aquellas duas classes extremas. E essa antipathia originava-se na grande confiança, que o monarcha depositava no ministro. E essa confiança, de que o Marquez de Pombal tanto abusou, chegou a tal ponto, que o monarcha se deixou subjugar, tornou-se um subdito, um perfeito automato das vontades e das imposições do mesmo ministro.

Este fez espalhar a noticia, de que na noite de 3 para 4 de Setembro de 1758, o rei havia sido ferido por uns tiros, quando, n'uma sege e acompanhado por um seu confidente, voltava de uma visita para o paço.

Disse-se então, que o monarcha, ou por que se sentisse muito debilitado, por haver derramado muito sangue, ou por que a isso fôra aconselhado pelo seu companheiro, ou por que os cavallos, espantados com os tiros, não quizeram seguir, fora obrigado a retroceder, recolhendo-se então ao palacio do Marquez de Angeja, onde se confessou e onde recebeu os primeiros curativos, prestados por um facultativo qualquer.

Depois o monarcha recolheu-se ao paço e ahi esteve tres mezes, sem fallar a ninguem mais, do que ao seu primeiro ministro, ao seu confidente Pedro Teixeira e ao seu medico assistente.

A propria familia e até a propria Esposa raras vezes o via e ainda assim por pouco tempo, á luz baixa de uma lamparina e quasi escondido pelos cortinados do leito!

Durante essa verdadeira ou simulada doença, umas vezes dizia o ministro aos que visitavam o rei, que este havia dado uma queda, quando saía dos seus aposentos, (que então eram ao rez-da terra), para o jardim; outras vezes dizia, que o rei estava ferido, por que levára uns tiros mandados dár pela rainha, que, em rasão das saídas nocturnas do marido, tinha alimentado grandes ciumes; outras, que El-Rei fôra sangrado; ora, que estava melhor; ora, que estava em perigo de vida.

Em muitos dias, havia um silencio absoluto a respeito do facto; n'outros, circulavam noticias completamente contraditorias!

Admira, que se tivesse dado o facto da conspiração contra uma pessoa tão importante e se déssem depois os casos, que vamos apontar.

Os tiros foram dados ás 11 horas da noite de 3 de Setembro. Nem era uma hora tão adeantada nem n'um mez, em que as noites sejam tão grandes, que já todos os habitantes do local, onde se commetteu esse crime, estivessem dormindo tão profundamente, que ninguem acordasse com a detonação dos tiros e podesse ser testemunha do facto.

Nem o Marquez de Angeja, nem pessoa alguma da sua familia, nem creados, nem hospedes fallaram no ferimento do rei, nem foram chamados para testemunhas d'esse crime.

Nada disse o padre, que confessou o monarcha; nem o facultativo, que lhe prestou os primeiros socorros; nem se sabem os nomes d'elles, e tambem não foram testemunhas.

Nem o cocheiro, que o conduziu, quando foi ferido, nem aquelle que, em trem de praça, o conduziu ao paço, disse coisa alguma a tal respeito nem para testemunha foi chamado.

Ninguem viu a sege furada pelas balas, senão depois das prisões dos suppostos réus.

Dizia-se, que os réus estavam disfarçados, mas não se dizia a maneira do disfarce, nem ha unanimidade de opiniões a respeito da qualidade das armas.

Ninguem da real familia nem dos habitadores do paço

tratou de mandar procurar o monarcha, apesar da demora, que este deveria ter com o *curativo* em casa do Marquez de Angeja.

Em fim, nem ha provas de tal crime, nem ha uniformidade de opiniões a tal respeito, nem ha argumentos, que não possam ser contraditados facilmente.

E' certo, porém, que, na noite de 12 de Dezembro d'esse mesmo anno foram presos os Marquezes de Távora, os Condes de Athougua, os Viscondes de Villa Nova da Cerveira e outros individuos e que logo foram cercadas as casas, que os Jesuitas tinham em Lisboa.

No dia immediato foram presos os Duques de Aveiro e seus filhos. Os Jesuitas foram logo encerrados em prisões e tratados bem pouco humanitariamente.

\*

Para julgar os réus do crime de regicidio, foi estabelecido um tribunal especial, chamado da *inconfidencia* e presidido pelo Marquez de Pombal. Ahi foram admitidas todas as testemunhas contrarias e nenhuma favoraveis aos réus.

Estes não tiveram advogado, nem poderam appellar da sentença. E, depois de um mez de prisão, foram mortos no Cães de Belem, na manhã de 13 de Janeiro de 1759 e pela maneira, que a historia nos conta e que não deixará de ser do conhecimento dos leitores.

Dos Jesuitas presos, uns foram expulsos de Portugal em 16 de Setembro de 1759, e outros permaneceram nas prisões, especialmente em Azeitão, onde ainda estavam muitos em 1767 no palacio, que fôra dos Duques de Aveiro.

O Padre Gabriel Malagrida foi garrotado e queimado em 21 de Setembro de 1761.

\*

Os Jesuitas, que estavam no ultramar, tambem foram presos e obrigados a abandonarem o territorio portuguez.

Os factos, que então se deram para a expulsão dos Jesuitas, não só estão sobejamente contados pela historia, mas tambem, mais ou menos explicitamente expostos no capitulo IV d'esta materia e que se intitula *Pombal e Aguiar*.

E, na verdade, o Marquez de Pombal desejava expulsar os Jesuitas. Achou um pretexto. Soube urdir a teia das calumnias. Inventou a historia da conspiração. Conseguiu os seus fins. Não olhou a meios.

Que importou, que essa historia fosse inverosimil? O Marquez de Pombal não olhava a essas ninharias. Como disse Camillo Castello Branco, mentiu, mas triumphou.

\*

Agora permitam-se-nos algumas considerações.

Ainda que se dêsse o caso da tentativa de regicidio, que tiveram ou podiam ter com isso os Jesuitas?

Onde se reuniam elles, para tramarem ou tomarem parte na conspiração?

Como poderam entender-se para essa tentativa tantos centenaes de individuos, espalhados por diversas terras e até a milhares de leguas no ultramar?

E' bem sabido, que n'aquelles tempos eram muito tardias as communicações. Não havia o telegrapho, não havia o vapor, não existia a facilidade nos correios, como actualmente.

Ora, como se entenderam os Jesuitas do continente portuguez, com os Jesuitas do ultramar, para n'um dado momento levarem ávante o seu plano?

E, d'isso, que lucro tirariam os Jesuitas?

E' possivel, que alguns d'elles não desgostassem de tal conspiração, se ella foi verdadeira. Isso, porem, não é crime, que possa ser julgado nos tribunaes, nem que seja motivo, para expatriar os cúmplices. São casos do tribunal de consciencia e não entram nas attribuições dos magistrados.

\*

Parece, porem, incrível, que a paixão e a ignorancia obriguem certos individuos a caírem em dislates e em contradicções flagrantes.

Dizem os liberáes e dizem os republicanos, que os Jesuitas devem ser expulsos, por que são o sustentaculo da monarchia absoluta! E, ao mesmo tempo, accusam-n'os do crime de regicidio e contra um monarcha absoluto!! E bem absoluto foi o réinado de D. José I. Durou vinte e seis annos e, n'esse longo periodo, nunca se reuniram nem se convocaram as côrtes!!!

(Continua)

Um catholico.



LYRA CHRISŌ

### A Manuel Fructuoso da Fonseca (1)

Quem nas azas do genio se alevanta  
Em prol da humanidade,  
De quem bem pinta, e mais de quem descanta  
Louvor d'urbanidade,  
Merece bem, e mais d'amor um preito  
Que commemore o bem por elle feito.

Que o exemplo perpetue bemmerente  
Do genio generoso,  
Que pelo povo seu, por sua gente  
A paz do seu repouso  
Em aras da honradez a sacrifica,  
E mais contente que gosando fica.

E' certo: o peito na caridade ardendo  
Gosa na caridade  
Certa delicia, que se bem o entendo,  
Toca da deidade  
Nas delicias supremas, deleitosas,  
Como eternas, purissimas, formosas.

(1) Poesia lida pelo seu auctor e nosso distincto collaborador na Associação da Mocidade Catholica do Porto, por occasião da inauguração do retrato do illustre director da «Palavra» na sua sala das sessões na noite de 28 de fevereiro passado.

Dôce compensação do sacrificio,  
Divina recompensa,  
Que quem procura seu prazer no vicio  
Despreza, se bem pensa,  
E troca por remorsos e torturas  
Duraduras, pungentes, as mais duras.

Mas, salvé, corajoso, bom amigo  
Da nossa mocidade  
Culta, christã e que nasceu contigo,  
Da tua caridade.  
Engendro intelectual do pensamento  
E d'um amor d'almo amor fermento.

Quizeste levantar da juventude  
O amor e o pensamento,  
Levando-a na pratica da virtude—  
Gloria e contentamento  
Do nobre coração, da alma inteira—  
A delicia perenne, verdadeira.

Por isso grata te venera e ama  
E fervorosa e crente  
Do seu favores para ti reclama  
Em caudalosa enchente,  
Que te torne feliz e venturoso,  
De justas honras no perenne gozo.

Na nossa séle o teu fiel retrato  
Queremos p'ra memoria  
Do amigo fiel, que tão fino trato  
Aqui gravou a historia  
Do seu character de tempera fina,  
Que nunca nada para o mal o inclina.

8 de fevereiro de 1904.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

APONTAMENTOS HISTORICOS

## Cemiterios

(Conclusão)

### III

Como vimos, era o mister de coveiro, entregue hoje em grande parte a mãos indignas, tido na mais elevada conta na primitiva Egreja; e, em verdade, cercado como era de trabalhos e perigos, e fecundo em admiráveis dedicações, tornava os que o exerciam verdadeiros heroes. Era essa profissão considerada tão nobre e meritoria, que não raro foi desempenhada pelos maiores personagens e pelas mais illustres matronas, bastando citarem se os nomes dos santos papas Estevão, Callixto, Fabião, Eutichiano, Marcello e Melchiades, e das santas Praxedes, Prudenciana, Lucina, Cyriaca, etc. O nome de *coveiro* figura como título de gloria nas modestas sepulturas d'esses homens benemeritos, como o provam entre muitas as seguintes inscripções:

«Felix, coveiro, em paz.»

«Sergio e Junio, coveiros, que foram benemeritos, em paz no mesmo tumulo.»

«A Paterno, coveiro, que foi benemerito. Viveu trinta e seis annos pouco mais ou menos. Descança em paz.»

E cabe aqui fallar-se das inscripções christãs. Como nota o illustre Padre Gaume, a simplicidade, a brevidade, a textura e o emprego de certas palavras e de certos signaes distinguem essencialmente as inscripções christãs, e não as deixam confundir com as pagãs. O nome da pessoa, a sua idade, a epocha do seu enterramento, e a sua

morte na fé da Egreja, eis em geral o que dizem as mais longas inscripções dos tempos primitivos. Alguns exemplos:

«Ao Deus omnipotente.—A Flavia, criança muito amada, que viveu um anno e tres mezes.—Deposta a cinco dos idos d'outubro.»

«Ao Deus maximo.—Secundino a seu irmão Victorino, benemerito em Jesus Christo, que viveu trinta e tres annos e oito mezes. Deposto a treze das calendas de outubro. Em paz.»

«Vleria em paz. Urbica em paz. Depostas no setimo dia dos idos de setembro.»

«Theodoro em paz.»

Já se indicaram as palavras exclusivamente christãs que se encontram nas sepulturas primitivas e que revelam o dogma por excellencia do christianismo, o dogma da resurreição da carne, ignorado dos pagãos:—*depositus, depositio, dormitio, quies*, etc. Por meio d'ellas, como que diz o christianismo ao homem: «No seio da terra, d'onde foste tirado, estás sob a mão de Deus, que vela por ti; longe de te destruir, a terra te guardará. Deposto nas suas entranhas como no seio de uma mãe, o teu corpo sahirá d'ellas para nova vida.»

E por isso os christãos não dirigem aos seus mortos aquellas frias e insignificantes formulas vagas:—*a terra te seja leve; os teus ossos repousem tranquillos; pesa levemente, pedra, sobre estes ossos*—, mas exprimem-lhes desejos cheios de consolação e esperanza:—*vive na eternidade; vive em Deus; descança em paz*...

Alem do que fica dito, nas inscripções, como nas pinturas e esculpturas das Catacumbas, é expressa de mil modos diferentes a divindade de Nosso Senhor, base de todo o edificio christão. Uma vez é o simples monogramma de Jesus Christo; outras é o mesmo signal circumdado d'uma corôa; outras ainda é o nome do Salvador com a acclamação *in pace*, e ainda este nome adoravel precedido e seguido do alpha e do omega, symbolo do principio e do fim de todas as cousas. As sepulturas dos martyres distinguem-se pelo vaso de sangue ou pela palma.

Em summa, nas Catacumbas, primeiros cemiterios christãos, tudo respirava fé e piedade; e é interessantissimo, ao mesmo passo que em summo grau instrutivo e edificante, o quarto volume das *Tres Romas* do eminente Padre Gaume, que trata da Roma christã subterranea. Quem o já leu abundará na minha opinião; a quem o não leu, aconselharei instantemente que de modo nenhum se prive de tão piedoso prazer.

Em conclusão: nos nossos cemiterios, deve ser principalmente a cruz do Salvador que cubra com a sua sacrosanta sombra as cinzas dos mortos christãos, quer durmam em sepultura rasa, quer repousem em monumentos mais ou menos sumptuosos. Muito d'isto se vê nos nossos *campos santos*, e isso consola; mas tambem muita *cousa* se encontra que se não sabe o que signifique, e em que parece ter havido o proposito de banir a Cruz redemptora, e isso entristece profundamente!

Se somos christãos, mostremol-o com obras inequivocas, maxime no que poderemos chamar o umbral da eternidade.

A. MOREIRA BELLO.

AS NOSSAS GRAVURAS

## Chateaubriand

Francisco René, visconde de Chateaubriand, um dos maiores escriptores do seculo XIX, nasceu perto de Saint-Maló, em França, no mez de setembro de 1768.



### Jesus e a Samaritana

Destinado primitivamente ao estado ecclesiastico, entrou depois dos primeiros estudos para o regimento de Navarra d'onde passou a Paris. Exclusivamente entregue aos seus sonhos de poesia e de viagens, prestou pouca attenção ao movimento revolucionario, e partiu em 1791 para a America do Norte com o fim apparente de buscar a famosa passagem do noroeste, mas na realidade levado apenas pela sua imaginação fogosa e romanesca.

A sua estada nas florestas do Alto Canadá, onde vivera no meio das tribus indianas, creara os esboços d'onde mais tarde haviam de sahir as creações da *Atala*, dos *Natchez* e de *René*.

A noticia da fuga do rei Luiz XVI, que um jornal, que occasionalmente lhe chegara ás mãos, relatava, fizera-o abandonar esta tranquilla situação e partir para a Europa, onde queria seguir a sorte da realza.

Obrigado a emigrar, passou duras privações no exilio. Por este tempo escreveu e publicou o *Ensaio histori-*

*co, politico e moral sobre as revoluções antigas e modernas consideradas nas suas relações com a revolução franceza*, obra que não dava logar a esperar-se da mesma penna o *Genio do Christianismo*.

Voltando á patria depois do 18 de brumario, começou a redigir o *Mercurio de França* de camaradagem com Fontanes, e n'esse jornal publicou em 1801 o gracioso idyllio de *Atala* que obteve um verdadeiro successo, tornando o nome da Chateaubriand popular em toda a Europa.

No anno seguinte publicou o *Genio do Christianismo*. N'esta obra gigantesca, Chateaubriand limita-se a traçar a poetica do christianismo e sob este ponto attingiu alturas sublimes. O fogoso poeta queria que o seu seculo fosse christão; para isso entendeu que o melhor caminho a seguir era fallar ao coração e á alma.

Napoleão, que adivinhava os homens de talento, desejara attrahir a si o grande escriptor, e para isso nomeara-o secretario da embaixada em Roma.

Fôra sem duvida nas horas de meditação á sombra do Colliseo, onde tinham echoado os gritos dos vencedores do universo, n'aquelle sitio onde hoje reina silencio glacial, foi nas catacumbas, berço outr'ora da humanidade, que Chateaubriand concebeu os *Martyres*.

A execução do duque d'Enghien levava-o a pedir a sua demissão de diplomata, partindo em seguida para a Asia, onde visitou a Palestina e o Egypto, depois de ter feito tambem uma viagem á Hespanha e Grecia.

Foi da Hespanha que elle levou para a sua patria aquella encantadora narração, toda impregnada do perfume oriental e dos arabescos rendilhados dos palacios phantasticos dos kalifas mouros, a novella o *Ultimo dos Abencerragens*.

Retirado para a provincia, deu á luz, de 1808 a 1814, os *Martyres*, o *Itinerario de Paris a Jerusalem*, e as suas impressões de viagem.

Os successos politicos de 1814 foram buscal-o ao seu retiro de Aunay. Dedicado á causa da realza, defendeu os direitos de Luiz XVIII, a quem acompanhou para Gand, depois que Napoleão desembarcou em Cannes. Foi nomeado ministro dos estrangeiros, em seguida ministro plenipotenciario em Londres, e emfim tornou a ser nomeado embaixador em Roma, cargo que occupava quando estalou a revolução de 1830.

Voltando a Paris, a mocidade das escolas fez-lhe uma soberba apothese, levando-o em triumpho ao Luxemburgo. Negou-se então a prestar juramento a Luiz Philipe, renunciou a um assento na camara dos pares e abandonou uma pensão de doze mil francos.

Morreu no dia 4 de julho de 1848 e segundo a sua vontade o cadaver foi sepultado em um tumulo no rochedo de Grand Bé, perto de Saint-Maló.

Chateaubriand foi sem duvida um dos maiores escriptores do seculo XIX, exercendo a maior influencia não só na litteratura franceza mas tambem na d'outros paizes.

Foi um dos melhores pintores da natureza que tem havido e distinguu-se especialmente pelo brilhante do estylo, pelo colorido e grandioso das imagens tomadas quasi todas d'uma natureza virgem, e em todas as suas obras apparece sempre o sentimento nobre ou terno misturado com a amargura e a melancolia.

## Jesus e a Samaritana

E' um dos episodios mais sublimes do Evangelho a falla de Jesus com uma mulher estrangeira, junto ao poço de Sichem. Foi ella por assim dizer a summula da religião nova, da lei da graça, que o Redemptor vinha dar ao mundo n'um rasgo de indizível amor. As palavras que então affloraram aos labios divinaes do Salvador foram taes que chegaram até a assombrar Renan e seus sequazes. O colloquio de Jesus mais a Samaritana occupa todo o capitulo IV do Evangelho de S. João, onde detalhadamente se pôde ler.

### BIBLIOGRAPHIA

Entre os meus sete e oito annos, passei alguns mezes em casa d'uma velha e virtuosa tia-avó, na aldeia do Sussão, proxima da importante villa de Vallongo. Vivia a veneranda anciã nas suas propriedades, que cultivava por meio dos seus creados. Nas noites de inverno, apoz a ceia e as graças a Deus que se lhe seguiam, em familia e como que patriarchalmente, para entreter o tempo até serem horas de se ir repousar dos trabalhos do dia, fazia-se *assembleia* na cosinha, a um e outro lado da lareira, servindo de *sophás* os habituaes *preguiceiros*. Em vez de se

murmurar das vidas alheias, fallava-se das coisas da lavoura, repetiam-se as noticias mais ou menos importantes do dia, (não havia então lá as gazetas, uma das pragas da actualidade), e contavam-se ou liam-se historias edificantes. Quando a noite era de leitura, era eu quem representava o papel principal, na falta de individuo mais competente, pois que entre as sete pessoas que compunham o auditorio, era eu justamente quem conhecia a letra redonda, melhor ou peor; e de ordinario o objecto da leitura era o *Flos Sanctorum*.

Era de vêr a piedosa attenção com que todos me escutavam, e os devotos commentarios que se faziam quando eu parava para descansar um pouco. Eu proprio, apesar da minha tenra *idade*, tomava o maximo interesse no assumpto, e não me faltavam ardentes desejos de poder imitar na sua santidade, penitencias e prodigios os heroicos amigos de Deus. Porem, e ainda mal, nenhum de nós estava predestinado para attingir tão sublime grau de perfeição!

E' todavia certissimo que a leitura ou audição das vidas dos santos é um dos meios mais poderosos de santificação ou de aperfeiçoamento no caminho da virtude, o que comprovam numerosos e notabilissimos factos, entre outros a conversão de Ignacio de Loyola, que de leviano guerreiro se transformou em grande santo e fervoroso apostolo.

Assim o comprehendeu o benemerito editor catholico portuense snr. José Fructuoso da Fonseca, o qual, tendo já publicado as vidas de S. Vicente de Paulo, de S. João de Deus, de S. Francisco d'Assis, de S. Bento José Labre, do B. João Grande, etc., acaba de dar á estampa a «Vida do glorioso Patriarcha S. José», escripta pelo conhecido e apreciado publicista Padre João Baptista de Castro.

Esposo virginal da immaculada Virgem Maria, e pae putativo do Verbo divino feito homem, são dignidades tão altas e de tão elevado e fino quilate, que não podiam ser conferidas senão a um varão do mais subido merito, das mais preclaras virtudes, em summa da mais sublime santidade. Tal foi S. José. Sempre assim o entenderam os christãos de todo o mundo; e o Vigario de Christo na terra, o immortal Pio IX, poz o remate e a corôa a essa crença universal, declarando S. José Padroeiro da Igreja catholica.

Ora as grandezas de S. José, cuja apologia fez o Evangelho só com duas palavras, chamando-lhe *varão justo*, são dignamente patenteadas e celebradas no seu importante livro pelo Padre Baptista de Castro. Serviram-lhe de elementos os escriptos dos sagrados Evangelistas, dos santos Padres e dos varões pios, que houve de consultar, colligir e reduzir a compendio, o que representa enorme trabalho e intelligencia: na minha humilde opinião conseguiu o seu fim, produzindo uma obra digna do grande e santo Patriarcha.

—Editou tambem o snr. José Fructuoso da Fonseca um «Sermão do Enterro», primeiro ensaio do abalisado e saudoso Padre José dos Santos Monteiro, que foi bacharel formado em theologia e direito, professor de sciencias ecclesiasticas e prior de Villa do Conde, tão cedo arrebatado á cadeira da verdade, que tão digna e brilhantemente occupou, e aos labores do ministerio parochial, que tão zelosa e sabiamente desempenhou.

Quem teve a felicidade de ouvir o eminente orador sagrado, nunca poderá esquecer o alto valor da sua palavra quente, sã, evangelica e captivante, sem deixar de ser castiça e florida. Quem não teve essa felicidade, ou queira reavivar as suas gratissimas recordações, ahí tem o «Sermão do Enterro», que, não obstante apresentar-se como primeiro ensaio oratorio, é já uma peça magistral.

A. MOREIRA BELLO.



DE TUDO UM POUCO

## As igrejas na Semana Santa

O que o tinha empolgado, o que melhor ainda o tinha arrebatado haviam sido as cerimoniaes, os canticos da semana santa.

As igrejas abriam-se semelhantes a palacios devastados, ou a cemiterios assolados de Deus. Estavam sinistras com as suas imagens veladas, com os seus crucifixos envoltos n'um losango côr de violeta, com os seus orgãos taciturnos e os sinos mudos. A multidão desfilava, azafamada, sem ruido, e caminhava por sobre a immensa cruz que a grande alea e os dois braços do transepto desenhavam; e, entrando pelas chagas como semelham as portas, ella subia até ao altar, ahi onde devia pousar-se a cabeça ensanguentada de Christo, e beijava avidamente, de joelhos, o crucifixo, sobre os degraus. E esta turba-multa tornava-se, ao escoar-se n'este mundo crucial da igreja, uma enorme cruz viva e movediça, silenciosa e sombria.

Em S. Sulpicio, onde todo o seminario reunido chorava a ignominia da justiça humana e a morte resoluta d'um Deus, Durtal tinha seguido os incomparaveis officios d'estes dias luctuosos, d'estes minutos negros, escutando a dôr infinita da Paixão, tão nobremente, tão profundamente exprimida nas Trevas pelas lentas psalmodias, pelo canto das Lamentações e dos Psalmos; mas quando n'isso pensava, o que o fazia estremecer era a lembrança da Virgem, chegando na quinta feira, quando a noite começava a cair.

A Igreja, até então absorvida na sua amargura e debruçada deante da cruz, levantava-se e punha-se a soluçar ao ver a sua Mãe. Por todas as vozes da capella, acotovelava-se ao redor de Maria, esforçava-se por consolal-a, misturando as lagrimas do «Stabat» com as suas, gemendo esta musica de queixas doloridas, apertando-se sobre a ferida d'esta prosa d'onde brotava agua e sangue como da chaga de Christo.

J. K. Huysmans (A Caminho).

Calendario :

Março	Morte de Francisco de Sá de Miranda, clasico portuguez, em 1558.
15	Era filho de Gonçalo Mendes de Sá e de sua esposa D. Philippa, nascendo a 27 de outubro de 1495 em Coimbra, frequentando depois a Universidade quando ella ainda estava em Lisboa. Amigo de Antonio Ferreira, foi um seu denodado auxiliar na cruzada que este ultimo empreendeu a favor da lingua portugueza contra aquelles que entendiam que só a latina era culta e só n'ella se podia poetar.
1904	

Sabendo Sá de Miranda de Portugal, viajou pela Europa, visitando entre outras cidades, Milão, Veneza e Roma. O seu nobre nascimento, e a alta posição dos seus, pois que tinha um irmão, Mem de Sá, como governador do Brazil, fazia-o tão aceito no paço real como a sua intelligencia e os seus dotes poeticos. Mas Francisco de Sá de Miranda não tinha as qualidades de cortezão, e ainda que fosse muito estimado por el-rei D. João III e pelo principe seu filho e provido pela munificencia regia n'uma commenda de Christo, desamparou Lisboa e acolheu-se ao Minho, á sua quinta de Topada, onde morreu no dia 15 de março de 1558, como dizemos acima.

Sá de Miranda, poeta eminente, fórma a transição entre a velha escola portugueza e a escola romantica da idade media. Se é certo que os seus criticos lhe notam defeitos, ninguem possui como elle a melancolia pensadora e uma sentenciosa mas singela philosophia; por isso

elle sobresahe nas suas epistolas, e se pecca nas outras formas de poesia, é porque, desdenhando as leis dos generos differentes, a sua individualidade muito pouco lyrica em todas se fazia sentir.

Se o doutor Antonio Ferreira não lhe perdoava esta desaffecção descuidosa, ainda menos lhe desculpava o ter escripto em castelhano os seus talvez melhores versos. Tambem Sá de Miranda escreveu duas comedias, *Os Estrangeiros* e os *Vilhalpandos*, que não revelam no autor um herdeiro do sceptro de Gil Vicente.

Curiosidades :

Eis a lista abreviada das congregações benedictinas dependentes de Cluny:

Camaldulos, fundada cerca do anno 1012 em Italia, e em 1030, em Hespanha; Hirsfeld, fundada na Allemanha pela mesma epoca; Vallembreuse, estabelecida na Italia em 1060; Cave, instituida por S. Alfredo, remontando a esse anno e chegando a ter 3000 frades; Castelle, fundada em 1064; Saint-Lanfranc instituida pouco depois; Hirsan, estabelecida na Suecia em 1080, e se estendeu por toda a Allemanha; Grandmont, fundada no mesmo anno; Cister, fundada em 1098; Fontevranlt, em 1121; Melly, fundada na Allemanha, por S. Sigeberto; S. Guilherme, fundada no pontificado de Anastacio IV em 1156, nos Paizes Baixos; Flore, formada em 1196 e unida depois á de Cister; congregação dos Humilhados, fundada por milanezes; S. Paulo, eremita, fundada em 1215 na Hungria; congregação de S. Silvestre, fundada por este pio varão em 1258; Val-des-Choux instituida proximo a Dijon por um monge benedictino; Celestinos, fundada em 1274; Val-des-Ecoliers, congregação d'Olivet, fundada em 1320 no alto d'um monte proximo a Vienna; Frades Negros, fundada na Inglaterra em 1335 com 24 abbades, gosando do direito de voto na camara alta; S. Brigida, fundada em Inglaterra em 1340; congregação de S. Bernardo, fundada na Italia no fim do seculo XV; congregação do Monte Cassino, fundada em 1503, constituida definitivamente por Julio III. D'esta congregação provieram a de S. Vanne, na Lorena, S. Maur, em França, e a congregação reformada de Valladolid, fundada em Hespanha em 1520. Algumas outras ordens monasticas viviam sujeitas á regra de S. Bento, a saber: bernardinicos, bernardos, recoletas, trappistas, guilhermitas, celestinos, etc, e outrosim varias ordens cavalleirescas e militares.

Notas de sciencia :

O physico francez Arsonval conseguiu obter essencias de petroleo chimicamente puras que não se congelam a uma temperatura inferior a 200 graus abaixo de zero. E' com este producto, em lugar do alcool, que se fabricam na Allemanha thermometros de petroleo que dão as temperaturas comprehendidos entre 80.º e 200.º

E' inutil accrescentar que estes thermometros são instrumentos absolutamente scientificos destinados a medirem temperaturas extremamente baixas, como as que resultam, por exemplo, do phenomeno da evaporação do ar liquido.

Pensamentos :

- A boa razão cura a tristeza. (S. Basilio Magno).
- A alegria em Christo traz a paz do coração (\*\*\*)
- A quem Deus não açouta é signal que não perfilha. (Santo Agostinho).
- Sêde prudentes como a serpente e simples como a pomba. (S. Matheus).
- Vê a quaes agradas e não a quantos. (S. Martinho Damienso).
- Se exclues a discripção, a virtude degenerará em vicio. (S. Bernardo).

—Os olhos da intenção recta inclinam a si os olhos do agrado divino. (Santa Magdalena de Pazzi).

Versos escolhidos:

### Maria

Trazendo Deus a perfeição do mundo,  
Tua imagem formou no pensamento:  
Deu-te vida o expirar do seu alento:  
Perfeição deu-te o seu amor profundo.

Como astro de pureza, sem segundo,  
Brilhaste n'este escuro firmamento,  
Que esclareceu a luz d'outro portento,  
Quando teu seio Deus tornou fecundo

Virgem de Nazareth, divina aurora,  
Sem mancha de peccado concebida,  
Da redempção estrella percursora,

Cecém de Jerichó, fonte da vida  
A terna voz d'esta alma que te adora  
Acolhe com amor, ó Mãe querida!

PADRE CAMPO SANTO.

Humorismos :

Fallava-se em uma roda de amigos acerca de crenças religiosas, emitindo cada qual a sua convicção pessoal a esse respeito.

Eis senão quando, o nosso Calino sae-se com esta:

—Eu cá sou atheu, graças a Deus...

—?!

### RETROSPECTO DA QUINZENA

No dia 25 de março celebra a Egreja a descida do anjo Gabriel á terra para comunicar a Maria Santissima que Deus a tinha escolhido para ser a mãe do Messias promettido, que ella conceberia e daria á luz por obra e graça do Espirito Santo. Ao dar conta da sua missão o anjo Gabriel saudou a Maria com as celebres palavras da oração angelical: «Ave Maria cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois entre as mulheres.»

E' de origens mui remotas esta festa, podendo-se attribuil-a aos primeiros tempos da Egreja.

Está de lucto o venerando episcopado portuguez pelo fallecimento d'um dos seus mais distinctos membros, o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. Joaquim Augusto de Barros, Bispo de Cabo Verde.

Victimara o finado prelado as febres perniciosas contrahidas em vinte annos de constante labor pastoral em Africa.

Que Deus acolla em seu misericordioso seio a alma do saudoso extinto, e aos leitores pedimos que elevem o pensamento ao Todo Poderoso n'este santo e salutar dever como é o de orar pelos mortos.

São optimas as noticias que podemos dar aos nossos leitores acerca da restauração do antigo bispado de Leiria.

A valente campanha iniciada pelo nosso presadissimo collega «Portomozense» entrara em pleno periodo de acção. Uma grande commissão composta das pessoas mais gradas do districto vae no proximo dia 16 do corrente a Lisboa entregar uma representação, pedindo o restabelecimento do bispado, ao illustre ministro da justiça, e dirigir-se depois tambem a sollicitar o auxilio de Sua Magestade que

muito pode influir junto do seu governo a bem da referida pretensão.

São dignos dos maiores louvres os intemeratos defensores de causa tão sympatica e justa pela sua constancia e tenacidade na lucta.

Avante e nada de hesitações!

A grande commissão diocesana nomeada por S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Snr. Bispo do Porto para promover a commemoração do quinquagesimo anniversario da definição dogmatica da Immaculada Conceição acaba de distribuir circulares, onde dá instrucções sobre o modo de recolher as esmolas dos fieis para a completa execução do seu programma.

Consta elle de:—1.º festas solemnes na Sé Cathedral; 2.º congresso que se ha de realisar n'esta cidade; 3.º contribuição para a celebração d'este anniversario em Roma; 4.º publicação d'uma Memoria sobre o culto de Maria n'esta diocese; 5.º fundação d'um Instituto de beneficencia que perpetue este anniversario faustosissimo.

A quota minima está fixada em 20 reis para não se tornar pesado o donativo. Cada subscriptor de 100 reis receberá uma estampa com a imagem da Virgem e sua oração indulgenciada. Quem obtiver uma lista cheia ou der uma esmola superior a 500 reis receberá uma estampa maior com os retratos dos tres ultimos Pontifices.

A somma será dirigida á Commisão—Camara Ecclesiastica—Porto.

O venerando Antistite funchalense, o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Manoel Agostinho Barreto, publicou em opusculo de 27 paginas, formato grande, uma substanciosa e erudita pastoral dirigida ao clero e mais fieis da sua diocese, cuja doutrina é da mais momentosa e flagrante actualidade.

Ao lê-la com indizível prazer, mais nos afavorara no culto acryscado que sentimos pelo illustre Prelado do Funchal, gloria immarcessivel do Episcopado portuguez.

Agradecendo a Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> a agradavel offerta, beijamos humildemente o anel prelaticio.

O nosso presado collega brasileiro «Matto Grosso», que se publica em Cuyabá—Brazil, passara a publicar-se desde o corrente anno em primorosa revista mensal, muito bem collaborada e redigida, rivalisando brilhantemente com as suas congeneres.

Felicitando cordalmente o nosso distincto collega na imprensa catholica brasileira, anhelamos-lhe uma vida longa na lide jornalistica.

Recebemos o ultimo fasciculo d'este importante Diccionario, de J. B. Jaugay, traduzido pelo illustre jornalista Gomes dos Santos e revisto e annotado pelo ex.<sup>mo</sup> snr. dr. Carlos da Neves.

O summario dos artigos é o seguinte:  
*Zacharias (Prophecias messianicas de)*:—sua profunda e lucida exposição exegetica.

*Zelo religioso*:—sua verdadeira noção e seu character.  
*Zoroastro*:—it. decisões sobre a vida e época d'este mysterioso religionario.

*Indice geral dos quatro volumes*, ampla e minuciosamente organizado para esta edição portugueza.

A feliz conclusão d'esta obra magistral do Dr. Jausey vae dar immediatamente loar á publicação d'outra tambem magistral do emerito theologo Conego Dehaut:—*O Evangelho explicado, defendido e meditado*. Obra hoje considerada como classica para todo o clero e demais apologistas do Evangelho, porque o seu doutissimo auctor adaptou ás exigencias sociaes da época presente os planos exegeticos de Bartholomeu do Quental, de Courtier, de Deharde,

Gaume, de Guilleis, de Schmidt, de Theodoro d'Almeida e d'outros grandes mestres do seculo findo, n'este genero. E realmente a obra esplendida de Dehaut é a Summula de todas as d'aquelles theologos: é *paraphrastica*, *apologetica*, *mystica* e *homiletica*.

Sim, em cada secção do Evangelho fornece-nos ella quatro partes differentes:—*paraphrastica*, para comprehensão particular;—*apologetica*, para a vida social;—*mystica*, para edificação da alma;—*homiletica*, para a missão pastoral. E n'estas condições, com sobeja razão um dos muitos que elogiaram a Dehaut esta sua obra eminente, lhe escreveu que, «se ella existisse ha quarenta annos, dispensaria bem os «cincoenta e tantos volumes que tinha amontoados na sua bibliotheca.»

A traducção d'esta obra palpitante está dignamente commettida ao Rev.<sup>mo</sup> Snr. A. Gomes Pereira, distincto professor no Lyceu Central do Porto, cuja competencia é plena garantia para a vernaculidade e nitidez da versão.

São poucos todos os auxilios que se prestem pois ao seu benemerito editor, Snr. Antonio Dourado, por concorrer assim para diffundir entre nós obras classicas, como as publicadas até hoje e esta que vae publicar immediata-mente.

Editor, Antonio Dourado—Rua das Flores n.º 42, 1.º—Porto.

## Os Amigos do «Progresso Catholico»

Grangearam assignaturas novas para esta Revista os Ex.<sup>mos</sup> Sur.<sup>s</sup>:

Benedicto José Augusto d'Avila . . . . .	15
Padre Julio Pereira Roque . . . . .	2
Padre Adolpho Augusto de Barros . . . . .	5
Jacinto d'Almeida Motta . . . . .	5
Antonio Gaspar da Silva . . . . .	1
Antonio José da Costa Monteiro . . . . .	1

A estes cavalheiros, verdadeiros benemeritos da imprensa catholica e nossos amigos, apresentamos os nossos sinceros agradecimentos.

## Aos nossos distinctos collaboradores

Animados pelo bello exito do nosso numero commemo-rativo do *Natal*, resolvemos fazer outro solemnizando a *Semana Santa*. Desde já pedimos a valiosissima cooperação dos nossos distinctos collaboradores para este fim, confiados como estamos no seu auxilio precioso.

## EXPEDIENTE

O brinde offerecido aos snrs. assignantes que já têm pago ou paguem ainda a sua assignatura de 1\$000 reis até ao dia 15 de abril proximo é o livro—«A Alma no Calvario», do Padre Braudand, tendo perto de 400 paginas, e sendo approvado e indulgenciado pelo Rev.<sup>mo</sup> Bispo do Porto, o qual será distribuido por estes dias.

—Qualquer reclamação dos snrs. assignantes dirigida á administração deverá sempre vir acompanhada do n.º da respectiva cinta.

—Lembramos áquellas pessoas que tem recebido n.ºs successivos do nosso jornal, não os devolvendo, que ficam consideradas assignantes para os devidos effeitos, favor que desde já muito agradecemos.

—Pedimos encarecidamente ás pessoas a quem temos enviado o nosso jornal pela pri-

meira vez, que no caso em que não nos queiram honrar com o precioso auxilio da sua assignatura, nol-o devolvam o mais breve possivel afim de nos evitarem despezas.

—Lembramos tambem que o pagamento das assignaturas é adeantado, conforme o indicam as suas condições, por isso pedimos encarecidamente que o façam desde já.

## ANNUNCIOS

### Sermão do Enterro

PRIMEIRO ENSAIO ORATORIO

DO

ABALISADO E SAUDOSO

José dos Santos Monteiro

BACHAREL EM THEOLOGIA E FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, ANTIPO PROFESSOR DO SEMINARIO DE LAMEGO E PRIOR DE VILLA DO CONDE

Approvado pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Antonio Barroso Bispo do Porto

Preço . . . . 100 reis

## MEDITAÇÕES

PARA

O MEZ DE MAIO

PELO

Padre Affonso Muzzarelli

COM

PIEDOSOS E LINDOS COLLOQUIOS COM A SS. VIRGEM PARA TODOS OS DIAS E TOCANTES EXEMPLOS

EXTRAHIDOS

Das obras de Santo Affonso Maria de Ligorio e de outros bons auctores

Com permissão do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal D. AMERICO, Bispo do Porto

QUINTA EDIÇÃO

Preço: Broch. 100 reis. Enc. 160.

## VIDA

DO

GLORIOSO PATRIARCHA S. JOSÉ

Extrahida e reduzida a compendio do que escreveram os Sagrados Evangelistas, Santos Padres e varões pios

PELO

Padre João Baptista de Castro

Preço . . . . 500 reis

**Flôres a S. José.** Meditações para o seu mez ou qualquer tempo do anno com exemplos apropriados, colloquios, etc. Extrahidos das Sagradas Escripturas, Santos Padres, doutores da Egreja e outras eminentes auctores e coordenadas por A. L. F. Obra approvada e indulgenciada. 2.ª edição. Preço: encadernado . . . . . 200

**O mez de Maio** consagrado á Santissima Virgem Mãe de Deus. Novo Manual para os exercicios de devoção n'este mez, pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. Conde de Samodães, com a collaboração poetica de Antonio Moreira Bello—Com permissão e approvação do Em.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., enc. . . . . 400

## PROGRESSO CATHOLICO

Vende-se barata uma collecção completa até á data. Pedidos a esta administração.

# VIDA

— DE —

## SANTA CATHARINA DE GENOVA

Com a noticia e declaração do Tratado do Purgatorio e do Dialogo  
composto pela mesma Santa

POR

ALEXANDRE MAINERI, S. J.

No presente numero começa o "Progresso Catholico," a publicar em "addenda," a

### Vida de Santa Catharina de Genova

O grande exito obtido pela *Vida do Patriarcha S. José* que já se acha concluida levará-nos a escolher a vida d'esta prodigiosa eleita para o substituir, certos de que ha de ter o mesmo acolhimento lisongeiro senão maior ainda.

A

### Vida de Santa Catharina de Genova

é a historia circumstanciada d'esse portento admiravel de sabedoria e santidade que assombrou o mundo com o seu viver sobrehumano e peregrinas virtudes.

Vidente extraordinaria, as suas visões são o que ha de mais orthodoxo sobre o assumpto, pela grandiosidade da demonstração, e sublimidade de pensamentos.

Com a publicação da

### Vida de Santa Catharina de Genova

estamos certos prestar um bom serviço á litteratura religiosa pela divulgação de mais um optimo livro, que muito bem ha de produzir.

Segue-se a enumeração dos capitulos de que se compõe a

### Vida de Santa Catharina de Genova

CAPITULO I—Noticias preliminares.

CAP. II—Nascimento e primeira idade de Santa Catharina.

CAP. III—Santa Catharina toma o estado matrimonial: successos do dito estado e pia morte do seu Consorte.

CAP. IV—Prodigiosa conversão de Santa Catharina; admiravel divina conducta no governo do seu espirito.

CAP. V—Jesus Christo com a cruz ás costas se faz ver a Catharina; vida austera da mesma Santa.

CAP. VI—Novos e particularissimos favores, feitos por Deus a Santa Catharina, e o seu jejum milagroso.

CAP. VII—Começa Santa Catharina a exercitar-se em obras de caridade com o proximo.

CAP. VIII—Dedica-se totalmente Santa Catharina ao serviço do Hospital de Pammatone.

CAP. IX—Com que frequencia e devoção recebia Santa Catharina a Jesus sacramentado.

CAP. X—Dom de oração, extases, e finezas do Amor de Deus em Santa Catharina.

CAP. XI—Doutrina prodigiosa e sublime de Santa Catharina.

CAP. XII—Afflicção de Santa Catharina, por se ver privada de guia humana, e Director que lhe dá o Céu.

CAP. XIII—Pia memoria de algumas pessoas discipulas de Santa Catharina.

CAP. XIV—Padece excessivamente Santa Catharina; maravilhosos accidentes nos annos do seu amoroso martyrio.

CAP. XV—Noticia e explicação do Tratado do Purgatorio, composto por Santa Catharina.

CAP. XVI—Compendio do Dialogo entre a alma e o corpo; fim que teve Santa Catharina em compol-o.

CAP. XVII—Ultima e dolorosissima enfermidade de Santa Catharina, e sua preciosa morte.

CAP. XVIII—Exequias e sepultura de Santa Catharina, cuja gloria pública o Céu por varios modos.

CAP. XIX—Culto de Beata dado a esta Serva de Deus, e o seu progresso até á solemne Canonização.

CAP. XX—Graças prodigiosas obradas por intercessão de Santa Catharina.

CAP. XXI—Conceito grande, que se tem feito no mundo das virtudes de Santa Catharina, e dons sublimissimos, que Deus lhe communicou.